



O PORNÔ É BOM PARA A SOCIEDADE: FORMAÇÃO DISCURSIVA E INTERDISCURSO

PORN IS GOOD FOR SOCIETY: DISCURSIVE FORMATION AND INTERDISCOURSE

Cibelle Cristina Preussler¹
Wander Amaral Camargo²

RESUMO: Não podemos negar a popularidade que os filmes de sexo explícito possuem em nossa atual sociedade. Eles são vistos de forma negativa e degradante por alguns, enquanto outros os encaram com certa naturalidade e sem muitas restrições. O fato é que assuntos que envolvem a sexualidade humana constituem tabus, e se tornaram tabus por meio de sujeitos e discursos que circulam na sociedade e na história. Por serem geradores de polêmica, esses temas são frequentemente abordados por inúmeros meios midiáticos. Entre eles citamos a revista Superinteressante que, em janeiro de 2011, publicou um artigo intitulado *O pornô é bom para a sociedade*, escrito por Milton Diamond. No trabalho em questão, propomos analisar esse texto utilizando como aporte teórico a Análise de Discurso Francesa de orientação pecheutiana, com o objetivo de evidenciar a maneira como as ideologias atravessam o discurso do sujeito, apesar de sua identificação com uma determinada formação discursiva. Para isso, utilizamos pressupostos de Michel Pêcheux (1995), Eni Orlandi (2003, 2007), e Denise Maldidier (2003), mobilizando conceitos como: condições de produção, sujeito, discurso, interdiscurso, formação discursiva, entre outros, com o intuito de tornar evidentes os diferentes efeitos de sentido e as representações do imaginário coletivo, passíveis de serem compreendidos por meio da materialidade discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Filmes de sexo explícito, formação discursiva, interdiscurso.

ABSTRACT: We cannot deny the popularity of films of explicit sex in our society nowadays. They are seen in a negative and degrading way by some, whilst others see them with some ease and without many restrictions. The fact is that issues involving human sexuality are taboo, and became taboo because of subjects and discourses that circulate in our society and history. Because they generate controversy, these issues are often approached by many forms of media. Among them, we

¹ Graduada em Letras Português/ Inglês e respectivas literaturas. cursando Mestrado em Letras na Unioeste. Endereço eletrônico: cibiguassu@gmail.com.

² Professor do programa de mestrado em Letras (Área de concentração: Linguagem e Sociedade. Professor Adjunto do Centro de Ciências Sociais aplicadas - Unioeste. Endereço eletrônico: wanderac1@yahoo.com.br.



mention Superinteressante Magazine, which in January 2011 published an article called *Porn is good for society*, written by Milton Diamond. We propose, with this work, to analyze the text using Pêcheux's Discourse Analyzes, aiming to show how the ideologies cross the discourse of the subject in spite of his/her identification with a particular discursive formation. For this, we use assumptions of Michel Pêcheux (1995), Eni Orlandi (2003, 2007) and Denise Maldidier (2003), using concepts such as production conditions, subject, discourse, discursive formation, among others, in order to make evident the different effects of meaning and the representations of the collective imagination, which can be understood through the discursive materiality.

KEY-WORDS: Films of explicit sex, discursive formation, interdiscourse.

Introdução

Existem em nossa sociedade alguns temas que são vistos como tabus, e que se tornaram tabus por meio de discursos que circulam na sociedade e na história. Entre eles, citamos os filmes de sexo explícito, considerados, na maioria das vezes, como algo moralmente proibido e inadequado. O fato é que na sociedade em que vivemos, eles são vistos como uma depravação, e como um meio que expõe, degrada e desvaloriza o ser humano. Essas ideologias fazem parte do imaginário e do inconsciente coletivo, sendo constantemente retomadas nos discursos do cotidiano, assim como nos que circulam na mídia, através dos inúmeros meios midiáticos que existem atualmente.

Nesse trabalho, focamos nossa atenção em um meio midiático em especial: a revista Superinteressante. Adotamos como *corpus* o artigo de opinião publicado no mês de janeiro de 2011, intitulado *O pornô é bom para a sociedade*. Para a realização da análise, utilizamos como aporte teórico pressupostos pertencentes à Análise de Discurso Francesa de orientação pecheutiana. Michel Pêcheux (1995), Eni Orlandi (2003, 2007), e Denise Maldidier (2003) são alguns dos teóricos que nos forneceram os conceitos relevantes à análise.

Por meio de uma análise discursiva, objetivamos mostrar como o discurso do sujeito, apesar de estar inscrito em uma determinada formação discursiva, é atravessado por diversas ideologias presentes no interdiscurso. Esse estudo só torna-se possível, pois a língua fornece as pistas que



levam a evidência de determinados pontos de vista que, apesar de muitas vezes opacizados, dissimulados pela língua, estão presentes e constituem sentidos.

Nessa perspectiva discursiva, os discursos atuais acerca dos filmes de sexo explícito se constituem por meio do interdiscurso; por meio de já-ditos que são constantemente retomados e materializados em nosso dizer. Nesse sentido, nossos pontos de vista, a forma como encaramos a sexualidade e tudo que a envolve é determinada pela memória discursiva, dentro de certas formações discursivas, fazendo com que as opiniões e os posicionamentos que possuímos sejam pré-construídos socialmente.

Optamos por trabalhar com um texto da mídia por acreditar que os diversos discursos que nela circulam têm muito a nos dizer sobre certas representações sociais. “É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos” (ORLANDI, 2003, p.38), sendo todo dizer ideologicamente marcado. Dessa forma, é por meio do intradiscurso (que é atravessado pelo interdiscurso) que a materialidade discursiva promove efeitos de sentido, revelando os posicionamentos ideológicos dos sujeitos envolvidos no processo discursivo.

Apresentaremos agora breves considerações acerca da Análise de Discurso Francesa de orientação pecheutiana, seu objeto de estudo e forma como trabalha a linguagem. Fornecemos também informações pertinentes acerca dos conceitos de sujeito, discurso, interdiscurso e formação discursiva, além de um esclarecimento acerca de questões que envolvem os gestos de interpretação.

1 Análise de Discurso Francesa: uma perspectiva pecheutiana

Ao tratarmos dos pressupostos que envolvem a Análise de Discurso Francesa de orientação pecheutiana (doravante ADP), buscamos compreender, em primeiro lugar, seu objeto de estudo. Ao contrário da linguística saussureana que estuda a língua enquanto um sistema fechado de signos linguísticos, a ADP estuda o discurso; discurso este compreendido em sua concretude histórica e social, “como uma mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI,



2003, p. 15). Enquanto a linguística de Saussure trabalha a língua de forma abstrata, isolando-a do aspecto social e ideológico, a ADP não deixa de lado o sujeito, considerando-o como parte indispensável do processo discursivo, o qual produz o dizer a partir de condições de produção específicas.

Por esse viés, leva-se em consideração a relação entre os discursos, os sujeitos produtores desses discursos, e “os efeitos de sentidos que são produzidos entre interlocutores” (ORLANDI, 2003, p. 21). Relacionando o discurso à sua exterioridade, apreendemos seus sentidos, evidenciando as interferências do histórico e do ideológico, assim como os apagamentos na constituição de sentidos.

A ADP trabalha com a interpretação e com os diferentes efeitos de sentido que podem constituir a materialidade discursiva, podendo ser considerada como um dispositivo de leitura interpretativa, tendo em vista que a própria materialidade do texto revela ideologias. A seleção lexical e organização sintática de um texto revelam efeitos de sentido que podem ser apreendidos mediante análise discursiva. Nas palavras de Orlandi:

Qualquer modificação na materialidade do texto corresponde a diferentes gestos de interpretação, compromisso com diferentes posições do sujeito, com diferentes formações discursivas, distintos recortes de memória, distintas relações com a exterioridade (ORLANDI, 2007. p. 14).

Vale enfatizar que relacionar a linguagem a sua exterioridade significa trazer para a Linguística a historicidade, e questionar as ciências sociais acerca da transparência da linguagem. Ao considerar o sujeito e a história, atesta-se a não- transparência da linguagem, considerando assim, suas falhas e opacidades, trabalhando com o equívoco na língua.

A ADP trabalha acima de tudo, na confluência de três diferentes correntes teóricas: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Ela faz uso das contradições presentes nessas disciplinas para se constituir, pois “interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente



sem ser absorvida por ele” (ORLANDI, 2003, p. 20). Orlandi (2007) prefere falar em entremeio ao invés de interdisciplina pelo fato de que o entremeio ocorre na contradição, já “a interdisciplinaridade dá a ideia de instrumentalização de uma disciplina pela outra” (ORLANDI, 2007, p. 24).

Essa disciplina de entremeio, ou antidisciplina, possui uma gama de pressupostos acerca do que é e como ocorre o processo discursivo. Os conceitos de sujeito, discurso, interdiscurso, formação discursiva e formação ideológica são caros à ADP por sua importância para a criação e utilização de um dispositivo teórico de interpretação. A seguir, abordamos sucintamente esses conceitos, tendo em vista sua utilização e relevância no que concerne a análise do corpus.

2 Sujeito, Discurso, Interdiscurso, Formação Discursiva e Formação Ideológica: conceitos pecheutianos em questão

Ao optarmos por uma perspectiva pecheutiana para o estudo do discurso, buscamos compreender, em primeiro lugar, como o sujeito se constitui; ou seja, como ocorre o processo de interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia. Sabemos que o termo interpelação surgiu com Althusser, quando ele afirmou em sua obra *Aparelhos Ideológicos do Estado* que “toda ideologia interpela os indivíduos concretos enquanto sujeitos concretos, através do funcionamento da categoria de sujeito (ALTHUSSER, 1985, p. 96).

Pêcheux, tendo esse pensamento como base, afirma que a interpelação de indivíduos em sujeitos nada mais é do que “a evidência do sujeito como único, insubstituível, e idêntico a si mesmo” (PÊCHEUX, 1995, p. 155). O autor destaca ainda que “todos os indivíduos recebem como evidente o sentido do que ouvem e dizem, lêem ou escrevem” (PÊCHEUX, 1995, p. 157). O indivíduo identifica-se com determinada formação discursiva e esquece justamente daquilo que o determina; ou seja, se posiciona de forma inconsciente, aderindo assim a ideologias pré-determinadas por outros discursos.



Quanto ao sentido, Pêcheux (1995) enfatiza que ele não existe *a priori*, mas sim, é determinado pelas tomadas de posição do sujeito no momento de sua identificação com determinada formação discursiva. Nessa perspectiva, as formações discursivas estão, necessariamente, inscritas em formações ideológicas, e caracterizam-se por “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1995, p. 160). Em *Semântica e Discurso: Uma crítica a afirmação do óbvio*, Michel Pêcheux destaca que

se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente “evidentes” – conforme se referam a esta ou aquela formação discursiva, é porque – vamos repetir – uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. De modo correlato, se se admite que as mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a uma outra, é necessário também admitir que palavras, expressões e proposições *literalmente diferentes* podem, no interior de uma formação discursiva dada, “ter o mesmo sentido” (...) (PÊCHEUX, 1995, p. 161)

Dessa forma, apreendemos a exterioridade da linguagem através de relações interdiscursivas. O discurso constitui-se na incompletude, e “a questão do sentido é aberta” (ORLANDI, 2007, p. 12), tendo em vista que ele depende da formação discursiva e ideológica de cada sujeito para que haja a compreensão do efeito de sentido provocado pela materialidade discursiva. Por isso, o sentido sempre pode ser outro, já que o que significa em uma formação discursiva, pode não significar em outra.

Desse modo, as formações discursivas passam a existir por meio do interdiscurso, o qual se caracteriza por “algo que fala sempre antes, em outro lugar e independentemente, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 1995, p.162). Todavia, a existência do interdiscurso é dissimulada através da evidência do sentido, sendo que cada sujeito interpelado ideologicamente possui a “sua” realidade, por estar inscrito nesta ou naquela formação



discursiva. Nesse sentido, “o interdiscurso designa o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em função de relações de dominação, subordinação, contradição” (MALDIDIER, 2003, p. 51).

Ainda em *Semântica e Discurso: Uma crítica a afirmação do óbvio*, Pêcheux esclarece a questão da articulação e de sua relação com o pré-contruído. Pêcheux chama a articulação de “encadeamento do pré-construído” (PÊCHEUX, 1995, p.162). Para ele o “pré-construído corresponde ao sempre-já-ai da interpelação ideológica que fornece-impõe a realidade e seu sentido sob a forma da universalidade” (PÊCHEUX, 1995, p. 164). Quanto à articulação, Pêchex afirma que ela “constitui o sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito” (PÊCHEUX, 1995, p. 164).

Já para Eni P. Orlandi, o interdiscurso é tratado como memória discursiva. Segundo a autora, “o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2003, p. 33). Precisamos, impreterivelmente, dessa memória discursiva para que os discursos façam sentido socialmente. Entretanto, quando o sujeito está inserido em uma formação discursiva, utilizando um dispositivo de interpretação ideológico, ele não percebe essa necessidade, ou seja, ele não percebe que não é a origem do que diz.

Tanto que ao invés de falar em interpretação, Orlandi (2007) prefere o termo *gestos de interpretação*. Em *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*, ela enfatiza a necessidade do analista de discurso utilizar um dispositivo teórico de análise ao invés de um dispositivo ideológico. Tratamos então de evidenciar suas diferenças para que o analista possua o conhecimento necessário acerca de sua própria prática.

3 Gestos de Interpretação

Com o surgimento da Análise de Discurso nos anos 60, houve a necessidade de um dispositivo de interpretação que pudesse trabalhar a discursividade em sua materialidade histórica e linguística. Esse dispositivo deveria, necessariamente, trabalhar com a linguagem analisando suas falhas e opacidades, explicitando “os mecanismos de funcionamento do discurso” (ORLANDI,



2007). Na perspectiva de Orlandi (2007), “o trabalho do analista de discurso é mostrar como um objeto simbólico produz sentidos, como os processos de significação trabalham um texto, qualquer texto” (ORLANDI, 2007, p. 80).

Para que esse processo de interpretação ocorra, busca-se compreender o conceito de efeito metafórico, tendo em vista que a metáfora é “constitutiva dos sentidos”. “Pêcheux vai chamar de metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual” (ORLANDI, 2007, p. 80). É por meio desse efeito metafórico que a interpretação é viabilizada. Os efeitos metafóricos são as falhas, os deslizamentos inscritos na língua, e por meio deles podemos atribuir sentidos a um discurso. Por isso, a ADP não descarta a ambiguidade dos textos, já que nela se encontram os equívocos da língua.

O gesto de interpretação do analista de discurso deve ser apoiado em um “dispositivo teórico”, muito diferente do gesto de interpretação de um “sujeito comum”. O sujeito comum interpreta um discurso produzido tendo em vista um determinado “dispositivo ideológico”, que fornece a ele a evidência de ser ele o detentor de um sentido único. É nesse ponto que se enfatiza a necessidade do analista estar em posição diferenciada da posição de leitor comum. O analista assume uma posição que o leva à objetividade, indo além da evidência de sentido, levando “em conta o movimento da interpretação inscrita no próprio sujeito do discurso. Desse modo, o trabalho do analista é, em grande medida, situar (compreender) - e não refletir – o gesto de interpretação do sujeito e expor seus efeitos de sentido” (ORLANDI, 2007, p. 83).

O que se propõe é que ele consiga estar no entremeio das formações discursivas em seu gesto de interpretação, procurando estar fora do processo de identificação. É essa inscrição em uma formação discursiva dada que traz o efeito de evidência da ideologia, como se o sujeito fosse a origem do que diz, e como se o sentido estivesse já lá, e não pudesse ser outro.

Orlandi (2007) não propõe, em momento algum, que seja possível um ato de neutralidade, tendo em vista que, na perspectiva da ADP, é impossível estarmos fora da ideologia. O que ela propõe é que o analista de discurso seja capaz de trabalhar essa opacidade a qual não se tem acesso em um gesto de interpretação com dispositivo puramente ideológico.



Lembramos ainda que os gestos de interpretação fazem parte tanto da leitura quanto da produção de discursos. Ao falar ou escrever, o sujeito atribui sentidos a suas palavras. Contudo, ele não se dá conta disso, pois o efeito de evidência da ideologia o faz crer que os sentidos estão nas palavras em si. A interpretação é constitutiva de todo e qualquer discurso, e o analista busca compreender quais “gestos de interpretação estão constituindo os sentidos (e os sujeitos, em suas posições)” (ORLANDI, 2007, p. 88) de uma determinada materialidade discursiva.

Assim, o texto caracteriza-se por partir em diversas direções, por possuir diversos sentidos. A materialidade discursiva não é dotada de apenas um sentido, mas ao mesmo tempo, o sentido não pode ser qualquer um devido a determinações históricas. O discurso possui uma relação com a historicidade, e é essa relação que estabelece e controla os sentidos.

Para interpretar, o sujeito necessita retomar a memória discursiva, que na perspectiva de Orlandi (2007) é o interdiscurso, para que o efeito de sentido seja compreendido. Se o sujeito não consegue recuperá-la, o texto não fará sentido para ele. Portanto, para interpretar, busca-se no interdiscurso outros discursos que evidenciem o efeito de sentido em uma ou outra formação discursiva.

Explicitamos até o momento a maneira como o analista de discurso procede na realização da análise, enfatizando a necessidade de não haver identificação com as formações discursivas, para assim apreender os sentidos do texto, indo além das evidências. Com esses pressupostos em mente, apresentamos agora o corpus que pretendemos analisar nos limites desse artigo.

4 O *Corpus* de Análise: O pornô é bom para a sociedade

Ao tomarmos o texto como materialidade discursiva, procuramos compreender como os discursos que circulam na sociedade propagam ideologias, instaurando e cristalizando certas representações do sujeito. Ao produzir o discurso, o sujeito não expressa sua consciência livre de coerções ideológicas. Ao contrário, a materialidade discursiva é o resultado de discursos anteriores que foram retomados sócio-historicamente pelo sujeito. Por essa razão, Orlandi (2003) afirma que não há discurso sem sujeito, e nem sujeito sem ideologia.



O artigo da revista Superinteressante do mês de janeiro de 2011 que constitui o *corpus* desse trabalho, disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/porno-bom-sociedade-619085>>, foi publicado em uma sessão da *Super* chamada *Polêmica*. Todos os artigos publicados nessa sessão vêm acompanhados da seguinte nota de rodapé: *Os artigos aqui publicados não representam a opinião da Super*. Portanto, a editora se isenta de qualquer responsabilidade acerca do conteúdo apresentado nessa sessão.

Lembramos que a palavra *Polêmica* significa controvérsia; uma discussão acalorada sobre um determinado assunto. Para que um tema gere polêmica, as pessoas envolvidas devem ter, necessariamente, fortes opiniões que são contraditórias entre si. Dessa forma, a revista se isenta da responsabilidade em relação ao que foi publicado, tendo em vista que o texto gera controvérsia em relação às crenças, valores e posicionamentos sócio-culturais e ideológicos instituídos na sociedade.

Focando nossa atenção ainda na nota de rodapé, constatamos que o autor do artigo é diretor de uma instituição que faz pesquisas acerca de questões que envolvem sexo e sociedade chamada *Pacific Center for sex and society*. Proveremos algumas informações sobre o autor do texto para compreendermos de que posição social ele fala, chegando assim a informações importantes acerca da formação discursiva na qual ele se inscreve.

Segundo Pacific Center for Sex and Society (2011), Milton Diamond é professor aposentado de anatomia e biologia reprodutiva da Universidade do Havaí. Ele possui uma longa carreira no estudo da sexualidade humana, e é famoso por suas pesquisas acerca das origens e desenvolvimento da identidade sexual. Apesar de sua aposentadoria, Diamond presta consultoria em casos de transsexualidade, intersexualidade e pornografia. Suas publicações mais importantes são: *Sexual decisions* (1980), *Sexwatching: Looking into the world of sexual behavior* (1992) and *Sexual Behavior in Pre contact Hawai'i: a Sexological Ethnography* (2004).

O texto nos fornece diversos trechos que mostram que o autor se inscreve em uma formação discursiva que vê a ciência como digna de total credibilidade. No texto analisado, Diamond apresenta inúmeros resultados de pesquisas científicas que comprovam seu ponto de vista acerca do acesso a filmes de sexo explícito. Entre eles podemos citar: “*pesquisadores descobriram que crimes sexuais ou*



diminuíram ou não aumentaram onde a disponibilidade da pornografia cresceu”, e ainda “Pesquisas de escala nacional na Dinamarca, Suécia, Alemanha Ocidental e EUA observaram que, embora a presença de pornografia tenha aumentado consideravelmente de 1964 a 1984 nesses países, a taxa de estupros ou caiu ou permaneceu no mesmo nível”.

Por inscrever-se em uma formação discursiva que estuda o sexo cientificamente, o autor procura ir além dos tabus que envolvem esse tema na sociedade. Para isso, ele fala a partir do resultado de pesquisas, e tece sua argumentação baseado na credibilidade que elas representam. Ao materializar seu discurso, o autor interpreta ao mesmo tempo em que atribui sentidos, pois todo dizer é um gesto de interpretação.

Esse gesto de interpretação é determinado pelo interdiscurso, ou memória discursiva. Devido à relação do discurso produzido pelo autor com o interdiscurso a respeito do tema, ele tem por base que os filmes de sexo explícito são alvos de inúmeras representações negativas, e por esse motivo, surge, no momento da formulação do dizer, a necessidade de informações colhidas a partir de pesquisas científicas consideradas sérias e dignas de confiabilidade. Orlandi inclusive destaca que “o espaço de interpretação no qual o autor se inscreve com seu gesto – e que o constitui enquanto autor – deriva de sua relação com a memória (saber discursivo), interdiscurso” (ORLANDI, 2007, p. 15). Ainda nas palavras de Orlandi:

(...) o autor é carregado pela força da materialidade do texto, materialidade essa que é função do gesto de interpretação (do trabalho de autoria) na sua relação determinada (historicamente) com a exterioridade, pelo interdiscurso. O sujeito, podemos dizer, é interpretado pela história (ORLANDI, 2007, p. 15).

A imagem ou representação de filmes pornô é socialmente pré-construída a partir do interdiscurso, e remete histórica e ideologicamente a algo negativo, proibido, que constitui um tabu. No momento da construção de seu texto, o autor interpreta esses saberes instituídos historicamente para assim se posicionar a partir de uma formação discursiva.

No trecho *A indústria do sexo explícito não serve só para girar a economia. Ela também pode combater crimes sexuais - e até emancipar mulheres*, constatamos na materialidade discursiva o uso do advérbio **até**.



Percebemos aqui novamente o pré-construído fazendo sentido na língua, já que esse advérbio, nessa construção, representa uma falha, um deslize do autor, e por meio desse deslize conseguimos apreender sentidos que vão além da evidência da ideologia.

Em nossa sociedade, a prostituição e os filmes de sexo explícito são vistos como elementos que degradam a mulher e fazem com que os homens as vejam como objetos. Dotado desses dizeres que vieram pela história e agora fazem sentido nas palavras do autor, ele usa o advérbio **até**, pois não é comum associar filmes de sexo explícito com a emancipação das mulheres, tendo em vista que não é esse o discurso que circula na sociedade.

Lembramos que esse dizer foi formulado por um sujeito situado em certas condições de produção socio-historicamente delimitadas. Ou seja, ele produz o discurso tendo em vista o atual momento socio-histórico e ideológico. No trecho a seguir ele usa novamente o advérbio **até**: *Algumas feministas afirmam até que ela emancipa a mulher, libertando-a das amarras do pudor e das restrições sociais*. Atualmente, o feminismo está em alta. As mulheres estão cada vez mais independentes e adquirindo os mesmos direitos dos homens. As mulheres trabalham, e possuem papel fundamental na economia dos países. Nesse sentido, elas não querem ser vistas como inferiores ou como objetos. O advérbio **até** mostra mais uma vez o julgamento pré-construído socialmente de que os filmes pornô são degradantes para as mulheres, e podemos apreender esses efeitos de sentido através da materialidade linguístico-discursiva.

A palavra **até**, utilizada duas vezes pelo autor, mostra que, apesar do autor estar inserido e se identificar com uma formação discursiva que se apoia na ciência, seu discurso é atravessado pelo interdiscurso, pelas representações sociais e pelo inconsciente coletivo que permeiam os “novos” discursos. Ele não pode fugir das ideologias que atravessam seu discurso, fazendo dele um ser incompleto, sujeito às falhas e deslizes da língua.

Voltando nossa atenção para o título do artigo, atestamos a presença do adjetivo **bom**: *O pornô é bom para a sociedade*. Questionamo-nos acerca da escolha lexical feita pelo autor. Por que, ao invés de **bom**, o autor não optou por palavras como *benéfico*, *saudável*? Essas escolhas lexicais ocorrem a partir do efeito de sentido que o autor pretende dar às suas palavras, já que ele acredita que o



sentido se origina nele e não pode ser outro.

Os efeitos de sentido que se originam a partir da materialidade discursiva estão ligados às condições de produção desse discurso. Como o nome da sessão na qual o artigo foi publicado é *Polêmica*, o autor inicia seu texto com uma frase que chama a atenção. O adjetivo **bom** causa polêmica, pois vai contra os valores e crenças pré-estabelecidas de nossa sociedade. A carga semântica de **bom**, nesse sentido, gira em torno do impacto que se quer causar já no título do artigo, impacto esse que só pode ser conquistado devido à memória discursiva, ao interdiscurso dos interlocutores – possíveis leitores do artigo.

Já no trecho *Nenhum pesquisador **cientificamente sério** provou que a exposição à pornografia tem uma relação de causa e efeito com sentimentos ou atos negativos contra as mulheres*, chamamos a atenção para **cientificamente sério**. Como o autor fala a partir de uma posição social, nesse caso em especial a posição de cientista, ele atribui um alto valor a resultados de pesquisas acerca da sexualidade. Para o autor, qualquer comentário de um pesquisador que não seja comprovado cientificamente, não pode e não deve ser levado a sério. Através dessas escolhas lexicais é possível novamente comprovar como a constituição dos sentidos que ocorre pelas escolhas, tanto lexicais quanto sintáticas, são determinadas pela formação discursiva e ideológica na qual o autor se inscreve. Na perspectiva de Pêcheux, “as palavras, expressões, proposições, etc, recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas” (PÊCHEUX, 1995. p. 160, 161).

Em nossa análise, apresentamos alguns dos efeitos de sentido que podemos apreender a partir do texto. Destacamos, contudo, que os sentidos sempre podem ser outros, pois “o texto é multidirecional enquanto aspecto simbólico” (ORLANDI, 2007, p. 18). Há uma incompletude tanto do sujeito, quanto de seu dizer, tendo em vista que o texto pode ser produzido a partir de diferentes redes de filiação da memória discursiva. Destacamos que os sentidos que atribuímos ao artigo analisado são sentidos apreendidos a partir da relação que se faz do texto com o sujeito que o materializou, assim como a relação desse sujeito com a história e com a ideologia.

Considerações finais



Nas seguintes palavras de Eni Orlandi, podemos resumir no que consiste compreender a linguagem e tudo que a envolve com os olhos voltados para a Análise de Discurso Francesa de orientação pecheutiana: “Há sempre interpretação” (ORLANDI, 2007, p. 21). Interpretamos no momento em que produzimos nosso dizer, e interpretamos no momento em que entramos em contato com os dizeres dos outros, produzindo sentidos.

Nossa relação com a linguagem é essencial para nos constituirmos em sujeitos sociais e históricos, tendo em vista que “ao significar, o sujeito se significa” (ORLANDI, 2007, P. 22). As ideologias nos interpelam enquanto sujeitos através da linguagem, fazendo com que os discursos situados em momentos socio-históricos e ideológicos distintos atravessem os discursos produzidos na atualidade.

Concluimos que o autor, apesar de estar inserido em uma formação discursiva que vê na ciência sua maior representação, mostra, em alguns trechos, por meio de certas escolhas lexicais que compõe a materialidade discursiva do texto, que nossa sociedade vê os filmes de sexo explícito como algo degradante para o ser humano e acima de tudo para as mulheres. Apesar de o autor falar a partir da posição de especialista no assunto, que analisa a questão tendo em vista uma perspectiva científica, percebemos que outras ideologias atravessam o seu discurso; que a memória discursiva perpassa seu discurso constituindo sentidos.

No artigo em questão, procuramos utilizar os pressupostos da Análise de Discurso Francesa de orientação pecheutiana. Buscamos olhar para o texto com os olhos de um analista de discurso, que procura estar no entremeio das formações discursivas para apreender os diferentes sentidos. Esse trabalho de análise é algo que requer um excedente de visão deveras difícil de alcançar, pelo fato de que somos todos sujeitos às ideologias. Somos todos interpelados ideologicamente, e o analista de discurso não foge a essa regra imposta pela língua e pela história.



Bibliografia

ALTHUSSER, Louis (1918). *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. 2 ed. / Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

MALDIDIÉ, Denise. *A inquietação do discurso: (Re)ler Michel Pêcheux hoje – Denise Maldidier*, tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni, P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PACIFIC CENTER FOR SEX AND SOCIETY (2011). *Milton Diamond*. Disponível em: <<http://www.hawaii.edu/PCSS/index.html>>. Acesso em: 25 set. 2011.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: Uma crítica a afirmação do óbvio / Michel Pêcheux*; tradução Eni P. Orlandi et all. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

SUPERINTERESSANTE. *O pornô é bom para a sociedade*. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/porno-bom-sociedade-619085.shtml>> Acesso em: 11 ago. 2011.